TERESA RITA LOPES

TEATRO REUNIDO

I

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

Título: Teatro Reunido
Vol. I

Autor: Teresa Rita Lopes

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Março de 2007

ISBN: 978-972-27-1386-3

Depósito legal: 248 289/06

TERESA RITA LOPES

TEATRO REUNIDO

I

Organização e prefácio de SEBASTIANA FADDA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2007

TRÊS FÓSFOROS

[1961]

TRÊS FÓSFOROS

PERSONAGENS:

PRESO 1
PRESO 2
GUARDA
CHEFE
DIRECTOR

Dois presos numa cela, cada um no seu canto. Preso 2 arrota pesadamente e começa a preparar a enxerga para a noite. Preso 1 olha com atenção e ansiedade para tudo o que ele faz e põe-se a querer fazer o mesmo, desajeitadamente. Preso 2 torna a arrotar e deita-se. Preso 1 senta-se na enxerga, olhando desajeitadamente em volta. A luz apaga-se.

PRESO 1 *(levantando-se num salto)* — Às escuras? Ficamos às escuras?! *(Ninguém lhe responde. Ele olha ansiosamente para o companheiro, que não lhe dá atenção, e para a porta.)* Por que é que apagam a luz?! *(Volta-se, implorante, para Preso 2.)* Ficamos assim, toda a noite? *(O outro não dá mostras de ter ouvido. Ele vai então à porta e bate com as duas mãos.)* Sr. Guarda! Sr. Guarda! *(Espera, bate mais.)* Acenda a luz! Não quero ficar às escuras! Às escuras a noite toda, não! *(Bate de novo, cada vez mais descontrolado.)* Uma luz! Traga-me uma luz! Uma luz! Uma luz!!!

(O postigo da porta abre-se, com um rangido metálico. Um jacto de luz fortíssima, aplicado em cheio na cara de Preso, 1 fá-lo recuar, mudo e assustado, com as mãos nos olhos. Permanece assim um

momento paralisado. O postigo fecha-se, com a mesma rangedeira sinistra. De novo escuro. Preso 1 recupera, aos poucos, os movimentos e aproxima-se, a medo, da porta. Tacteia-a, cautelosamente, primeiro. Depois tenta forçar o postigo. Toma-o, aos poucos, o anterior frenesi e recomeça a socar a porta.)

PRESO 1 — Uma luz! Traga-me uma luz! Ó da guarda! Ó da guarda! *(Esgota-se aos murros na porta. Interrompe-se, soluçante de cansaço e raiva.)* Bandidos! Bandidos! Assassinos! Vampiros!!

PRESO 2 *(irritado mas displicente)* — Prepara-te para uma carga de porrada se continuas a berrar assim.

PRESO 1 — Porrada? Quem é que me dá porrada? Porquê?

PRESO 2 *(imperturbável)* — Por berrares. Eles.

PRESO 1 *(pára de socar a porta, mas as mãos continuam enclavinhadas no postigo. Implorante)* — Sr. Guarda... Não se zangue, Sr. Guarda... Não fiz por mal... *(Gritando de novo:)* Mas não posso ficar às escuras! *(Manso:)* Ao menos dê-me uma vela... Venda-me uma vela! Eu pago-lhe quando a minha mãe cá vier... *(Espera, nada. Desata de novo aos murros na porta.)* Às escuras, não! Aqui, não! Não! Não!!! *(Deixa-se cair exausto e soluçante, ao pé da porta.)*

PRESO 2 *(olha-o com comiseração)* — O gajo é parvo! Deixa-te de mariquices e dorme! E deixa-me dormir, ouviste? Descansa que o escuro nunca comeu ninguém!

PRESO 1 *(que continua na mesma postura, enrodilhado junto à porta)* — Não, às escuras não! Não posso!!

PRESO 2 — Porquê? Tens medo dos papões? Ou dos ladrões? *(Regouga de riso.)* Tens medo que te roubem a panela das libras?

PRESO 1 — Não faça pouco de mim. Não tenho medo de nada. Mas não gosto do escuro. Deste escuro!

PRESO 2 — Então como é que tu dormes lá no teu palacete? Com uma lamparina de alumiar os santos à cabeceira?

PRESO 1 — Na minha casa é outra coisa. É aqui que eu não posso ficar às escuras. Neste buraco! *(Olha em volta.)* Parece que estou no fundo de um poço. Até me custa respirar.

PRESO 2 — Isso é de ser a primeira noite. Logo te habituas. Dorme!

PRESO 1 — Não, aqui não! Não sou capaz de dormir aqui. *(Tacteia as paredes, procura em volta não se sabe o quê.)* E se a gente quer acender a luz de noite, não pode?

PRESO 2 — Pra quê? Pra ver as horas? *(Ri-se.)* Dorme descansado, que o despertador logo toca!

PRESO 1 — E se um gajo quer mijar?

PRESO 2 *(ri-se mais)* — Mija na mão e deita fora. *(Volta-se para o outro lado.)* E agora fecha a grafonola que eu quero dormir. Tenho cá uma coisa que me diz que vou sonhar com uma gaja boa. *(Preso 1 aproxima-se dele, interessado.)* Queres que te ensine o truque?

PRESO 1 — Qual truque?

PRESO 2 — Pra sonhares com uma gaja boa. *(Como quem convence um menino:)* Vá, vai-te deitar que eu te ensino. *(Preso 1 vai deitar-se na sua enxerga.)* Já está?

PRESO 1 — Já.

PRESO 2 — Tapa-te. *(Preso 1 tapa-se.)* Agora agarra o travesseiro como se fosse uma gaja. Já está?

PRESO 1 *(obedecendo)* — Já.

PRESO 2 — Agora diz-lhe baboseiras... *(Espera. Como o outro continua silencioso, insiste:)* Vá, faz-lhe festas e doçuras...

(Preso 1 olha o travesseiro, sem saber o que fazer com ele. O outro começa a ressonar.)

PRESO 1 *(levanta-se, num salto)* — Não durma! Você já dorme? Olhe lá! Pst! Olhe lá!